

Artigo Convidado (Relato de experiência)

O FLORESCER DA AUTOESTIMA: IMPACTOS POSITIVOS DE UMA EDUCAÇÃO AFROCENTRADA

The blossoming of self-esteem: positive impacts of an Afro-centered Education

El florecimiento de la autoestima: impactos positivos de una educación afrocêntrica

Michele de Sousa Nascimento¹  
Samira dos Santos Ramos²  

Recebido: 27-06-2024
Aprovado: 27-06-2024³

Resumo: Este artigo tem como objetivo relatar a experiência de uma intervenção educacional bem sucedida numa turma do ensino fundamental I, predominantemente composta por crianças negras que enfrentavam desafios de autoestima devido, em grande parte, às diversas questões sociais, com ênfase no racismo. Na ausência de práticas antirracistas na escola, após a identificação dos impactos negativos na autoestima, no bem-estar emocional e no desempenho acadêmico dos estudantes, tornou-se imperativo planejar ações de intervenção. O objetivo principal foi promover a valorização da identidade e ancestralidade, combater o racismo e desconstruir estereótipos raciais, para, sobretudo fortalecer a autoestima das crianças, reconhecendo o papel crucial que a autoestima representa para o desenvolvimento integral delas. A metodologia adotada incluiu a leitura de histórias afrocêntricas, pesquisas bibliográficas, entrevistas, rodas de conversa, reflexões e ações práticas de experimentos para promover a valorização dos vários tons de pele, bem como dos cabelos crespos e cacheados. Além disso, analisar obras afrocêntricas e receber a visita de uma das escritoras apreciadas, ofereceu às crianças uma oportunidade de se inspirarem em modelos positivos. Os desdobramentos alcançados a partir dessas literaturas suscitaram um profundo encantamento, consolidando as habilidades de leitura e escrita, dando origem a produções textuais significativas e tendo como desfecho o fortalecimento substancial da autoimagem positiva das crianças. Portanto, o projeto teve um impacto positivo nas crianças, que passaram a valorizar sua identidade afrodescendente e sobretudo, fortaleceram a autoestima para enfrentar os desafios com confiança e entusiasmo, resultando em avanços expressivos na aprendizagem. Esse relato enfatiza a importância de intervenções antirracistas ao longo do ano, para alcançar mudanças positivas.

Palavras-chave: Educação Afrocêntrica. Educação Fundamental. Autoestima. Identidade racial. Relato de experiência.

¹ Especialista em Educação para Relações Étnico-Raciais (IFMG)/ Professora de Cultura e História Afro-Brasileira e Indígena da Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas - BA. E-mail: miisousaa82@gmail.com

² Orientadora. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais / Doutoranda em Letras (FFLCH/USP). E-mail: samiraramos@alumni.usp.br

³ De acordo com a política da Revista Alembra, os artigos convidados não passam pelo processo de avaliação por pares.

Abstract: This article aims to report the experience of a successful educational intervention in an elementary school class, predominantly made up of black children who faced self-esteem challenges due, in large part, to various social issues, with an emphasis on racism. In the absence of anti-racist practices at school, after identifying the negative impacts on students' self-esteem, emotional well-being and academic performance, it became imperative to plan intervention actions. The main objective was to promote the appreciation of identity and ancestry, combat racism and deconstruct racial stereotypes, to, above all, strengthen children's self-esteem, recognizing the crucial role that self-esteem plays in their integral development. The methodology adopted included the reading of Afro-centered stories, bibliographical research, interviews, conversation circles, reflections and practical experimental actions to promote the appreciation of various skin tones, as well as frizzy and curly hair. Furthermore, analyzing Afro-centered works and receiving a visit from one of the appreciated writers, offered the children a unique opportunity to be inspired by positive role models. The developments achieved from these literatures aroused a deep enchantment, consolidating reading and writing skills, giving rise to significant textual productions and resulting in the substantial strengthening of children's positive self-image. Therefore, the project had a positive impact on the children, who began to value their Afro-descendant identity and, above all, strengthened their self-esteem to face challenges with confidence and enthusiasm, resulting in significant advances in learning. This report emphasizes the importance of anti-racist interventions throughout the year to achieve positive changes.

Keywords: Afrocentric Education. Elementary Education. Self esteem. Racial identity. Experience report

Resumen: Este artículo tiene como objetivo relatar la experiencia de una intervención educativa exitosa en una clase de escuela primaria, compuesta predominantemente por niños negros que enfrentaron desafíos de autoestima debido, en gran parte, a diversas problemáticas sociales, con énfasis en el racismo. El objetivo principal fue promover la valoración de la identidad y la ascendencia, combatir el racismo y deconstruir los estereotipos raciales, para, sobre todo, fortalecer la autoestima de los niños, reconociendo el papel crucial que juega la autoestima en su desarrollo integral. La metodología adoptada incluyó lectura de cuentos afrocentrados, investigaciones bibliográficas, entrevistas, círculos de conversación, reflexiones y acciones prácticas experimentales para promover la apreciación de diversos tonos de piel, así como del cabello encrespado y rizado. Además, analizar obras centradas en lo afro y recibir la visita de uno de los escritores apreciados ofreció a los niños la oportunidad de inspirarse en modelos positivos. Los desarrollos logrados a partir de estas literaturas despertaron un profundo encanto, consolidando habilidades de lectoescritura, dando lugar a importantes producciones textuales y resultando en el fortalecimiento sustancial de la autoimagen positiva de los niños. Por lo tanto, el proyecto tuvo un impacto positivo en los niños, quienes comenzaron a valorar su identidad afrodescendiente y, sobre todo, fortalecieron su autoestima para enfrentar los desafíos con confianza y entusiasmo, resultando en avances significativos en el aprendizaje. Este informe enfatiza la importancia de las intervenciones antirracistas a lo largo del año para lograr cambios positivos.

Palabras clave: Educación Afrocentrada. Educación elemental. Autoestima. Identidad racial. Informe de experiencia.

1 Introdução

A partir de 09 de janeiro de 2003, a Lei nº 10.639 e posteriormente a Lei 11.645/08, tornaram obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio de todo o país. Infelizmente, após 20 anos desde que essa lei entrou em vigor, não observamos o cumprimento efetivo dela na maioria das instituições de ensino. Em um país como o Brasil, ainda marcado pelo abismo racial, onde diversos atos de racismo são praticados todos os dias e onde afro-brasileiros e indígenas enfrentam discriminação e são relegados a uma posição inferior em nossa sociedade desigual, a implementação de uma educação antirracista emerge como uma necessidade fundamental para a formação de nossas crianças, sobretudo pelo fato de que a maioria dos estudantes das instituições da rede pública de ensino são crianças negras (pretas e pardas), que desde a infância são expostas ao racismo estrutural presente nas diversas esferas da sociedade. No que diz respeito a esse tema, é imperativo ressaltar que uma educação antirracista vai além da mera aplicação pontual e superficial das leis 10.639/03 e 11.645/2008: ela deve ser afrocentrada e incorporada como uma prática contínua, interdisciplinar e significativa ao longo do ano letivo, a ponto de provocar reflexão crítica e transformações.

Na Escola Municipal Recanto das Margaridas, uma instituição da rede pública de ensino de Salvador, capital do Estado da Bahia, conhecida como a cidade mais negra fora da África, uma sombra persistente de discriminação racial pairava sobre os corredores. Era uma realidade dolorosa que não podia mais ser ignorada: a ausência de abordagens antirracistas, apesar dos inúmeros relatos de injúrias raciais que ecoavam por toda parte. Como professora recém-chegada a essa comunidade, deparei-me com a tarefa angustiante de testemunhar situações que eu atribuí serem causadas pelo sofrimento e pela autoestima abalada das crianças que frequentavam a escola. Minha hipótese era que os padrões estéticos injustos que lhes eram impostos pareciam condená-las a um ciclo de tristeza que se refletia, sobretudo, em seu desempenho escolar.

Essas hipóteses foram confirmadas ao escutar atentamente as vivências dessas crianças, cujas narrativas revelaram não apenas a crueldade da discriminação racial promovida por colegas, mas também por adultos do círculo de convivência delas. Nesse contexto, meu desejo de intervir positivamente na vida delas se tornou forte e esse desejo ganhou ainda mais força

após minha experiência como discente do curso de Especialização em Educação para Relações Étnico-Raciais, promovido pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), onde pude construir aprendizagens valiosas para abordar essas questões complexas.

As histórias tristes e a sensação de impotência que muitas crianças expressaram tornaram-se o ponto de partida para um projeto que tinha como objetivo fornecer a elas uma perspectiva transformadora. Através do compartilhamento da história numa concepção afrocentrada, trazendo a riqueza cultural e a beleza que emanam de nossos ancestrais africanos, buscamos não apenas promover uma compreensão mais profunda de nossa identidade, mas também promover a valorização de nossas raízes africanas, elevando a autoestima das crianças. A intenção primordial era fazer com que cada criança percebesse a beleza e o potencial intrínsecos nelas, emponderando-as para construir sonhos e persegui-los com resiliência e confiança.

Munanga (2005) em seu livro: “Superando o racismo na escola”, denuncia que o racismo escolar, é a forma mais perversa de violência praticada cotidianamente pela sociedade brasileira. Muito além do racismo explícito e verbalizado em ações, está o naturalizado através de violências como partir do princípio que a criança negra é menos capacitada intelectualmente. Munanga convoca professores a se engajarem em iniciativas pedagógicas que promovam uma verdadeira democracia educacional, já que considera o espaço escolar como um espaço “privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional” (2005, p. 15). Portanto, a escola se revela um terreno fértil para o cultivo de princípios antirracistas e valores afrocentrados, cujos frutos podem se revelar transformadores no futuro, evidenciando assim, a importância da implementação de um projeto de intervenção. Consciente disso, um projeto começou a ser delineado à medida que as crianças compartilhavam informações cruciais, proporcionando uma base essencial para orientar o desdobramento subsequente da iniciativa.

Após todas as etapas percorridas, este artigo foi escrito a fim de relatar as vivências ao longo do projeto, para tanto, ele foi subdividido em três seções além desta introdução. Na primeira, o artigo aborda a necessidade de uma abordagem educacional antirracista que vá além das normativas legais e fala da importância de começar a abordar questões étnico-raciais desde a infância, além de ressaltar o papel dos educadores na formação de atitudes e valores. A segunda seção relata as estratégias aplicadas no ano de 2022 em uma turma de ensino e os resultados observados, incluindo o impacto positivo nas crianças em termos de autoimagem,

consciência racial e desenvolvimento escolar. A última seção traz as considerações finais em que são apresentadas as conclusões e reflexões acerca da importância da intervenção pedagógica frente aos problemas raciais que também atingem os estabelecimentos de ensino.

2 Uma questão urgente para além das normativas legais

Promover uma educação antirracista transcende a mera conformidade com a legislação vigente, exigindo uma abordagem que vá além das obrigações legais. Essa iniciativa deve trilhar o caminho do respeito, da afetividade, da dedicação, da justiça e do compromisso com a formação de uma futura geração mais consciente, engajada na promoção da equidade racial, capaz de analisar informações, questionar ideias, desenvolver pensamento crítico a fim de participar de debates construtivos na sociedade, desafiar estruturas injustas e provocar mudanças positivas. Portanto, a escola pode ser um instrumento poderoso contra o racismo, para isso, ela deve possibilitar a discussão e problematização das questões étnico-raciais por meio do diálogo, pesquisas, atividades práticas, adoção de literaturas relevantes e sobretudo pela mudança de pensamento e postura de educadores que ainda possam estar impregnados de preconceitos internalizados desde a infância. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades, precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas (Brasil, 1998, p. 41).

Certamente, não há dúvidas de que uma mera tentativa de ensinar princípios de respeito e valorização da diversidade étnica, entre outros, apenas por meio de palavras, revela-se insuficiente. Isso se justifica pela constatação de que as crianças aprendem de forma mais eficaz por meio da observação. Portanto, é de fundamental importância que os adultos que compartilham o convívio com essas crianças internalizem a necessidade de refletir, por meio de suas atitudes cotidianas, os princípios que verbalizam, pois, a desconexão entre palavras e ações, sobretudo por parte dos educadores, pode acarretar prejuízos significativos para os estudantes. Sobre isso, Teodoro (1987) diz:

O sentimento de rejeição decorrente de um sistema educacional discriminatório é um

dos dados relevantes da evasão escolar que nunca é levado em conta em um país como o Brasil, pois a ideologia dominante, internalizada pelos professores, não é sensível às diferenças no sentido de respeitá-las, mas apenas no sentido de apontá-las como “perigosas” ou “lamentáveis” para o seu ideal de cultura (TEODORO, 1987, p.48, grifos do autor).

Além das considerações anteriores, Santos chama atenção para uma questão muito importante quando diz:

“Tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua autoestima. Faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica, como único conhecimento científico válido”. (Santos, 2001, p. 106).

A citação sugere que lidar com a discriminação racial no ambiente escolar não deve pretender fortalecer as crianças negras para que elas suportem o racismo. A autora argumenta que o problema vai além da autoestima individual, é necessário questionar e transformar a estrutura curricular das escolas. A crítica recai sobre a predominância da produção cultural eurocêntrica nos currículos, sugerindo que isso é uma limitação, pois impede o reconhecimento e a validação de outros conhecimentos científicos e culturais. A mensagem central é a necessidade de mudança nos currículos escolares para incluir uma gama mais diversificada de perspectivas culturais e conhecimentos. Dessa forma, concluímos que, embora a maioria dos currículos das instituições de ensino ainda mantenham uma concepção eurocêntrica, é imperativo que educadores conscientes do potencial transformador da escola na vida das crianças procurem superar tais paradigmas. Devemos nos empenhar em proporcionar uma educação abrangente e diversificada, incorporando abordagens que contemplem as dimensões étnico-raciais, fomentando a valorização da diversidade, desmantelando estereótipos e estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico. Dessa forma, não renunciaremos a valiosa oportunidade que temos de contribuir para o desenvolvimento integral daqueles que ainda estão em processo de formação: as crianças.

As interações entre as influências sociais e biológicas são determinantes para o desenvolvimento humano e conforme França (1958), o desenvolvimento da personalidade começa desde o momento do nascimento, certamente, os primeiros anos de vida desempenham um papel crucial na formação da futura personalidade de uma pessoa, pois, durante esse período, as características psíquicas fundamentais são moldadas pela interação da criança com as pessoas próximas e o ambiente que a rodeia. Assim, compreendemos que a abordagem sobre as questões étnico-raciais deve começar desde a primeira infância para que possibilitemos a formação de

adultos conscientes, livres de preconceitos, críticos, éticos, que saibam respeitar e valorizar a diversidade humana e contribuam para uma sociedade mais justa e igualitária, onde as diferenças serão celebradas em vez de serem fontes de divisão. Sobre isso, Bento (2012) diz:

a identidade é construída por meio do corpo e na convivência com o outro. Nosso “eu” é produto de muitos outros que o constituem. Esses “outros”, nos primeiros anos de vida, com frequência são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam diretamente da criança. Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído a ele e ao corpo dos coetâneos, e construindo sua auto-imagem, seu autoconceito. Assim, podemos concluir que o estágio em que está adulto, no que diz respeito a sua identidade racial e sua percepção sobre diferenças raciais, é elemento importante no cuidado com a criança. (BENTO, 2012, p. 112)

A célebre citação de Mandela (1994), "Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar", instiga em nós uma reflexão profunda sobre o papel fundamental dos educadores na formação dos indivíduos. Os profissionais da educação desempenham uma função crucial no processo de ensino-aprendizagem, indo além da mera transmissão de conhecimentos acadêmicos ao contribuir significativamente para a configuração de atitudes, valores e compreensão social nos alunos. Ao incorporar princípios de respeito e valores afrocentrados em suas práticas educacionais, os professores podem exercer uma influência positiva na formação de seus alunos.

De acordo com Gomes (2003), uma visão e uma prática pedagógica que enxergue o outro nas suas semelhanças e diferenças não condiz com práticas discriminatórias e nem com a crença em um padrão único de comportamento, de ritmo, de aprendizagem e de experiência. A ideia de padronização dá margem ao entendimento das diferenças como desvio, patologia, anormalidade, deficiência, defasagem, desigualdade. O trato desigual das diferenças produz práticas intolerantes, arrogantes e autoritárias. A escola possui a vantagem de ser uma das instituições sociais em que é possível o encontro das diferentes presenças e essa vantagem precisa ser muito bem aproveitada na promoção de uma educação para o respeito à diversidade e a valorização das pluralidades existentes na comunidade escolar.

Educar para a diversidade é algo desafiador, tendo em vista que estamos imersos numa sociedade eurocêntrica, preconceituosa e que tenta uniformizar o que é plural. Conforme Gomes (2003), precisamos ressignificar nossa prática e para que isso se concretize, uma autoanálise sincera é de fundamental importância, pois, se o respeito e a valorização da diversidade não fizer

parte de nós, nossa prática será mecânica, superficial e não produzirá resultados favoráveis. Como Gomes (2000) ainda pontuou, mudanças de valores, lógicas e representações sobre o outro é um desafio a ser superado para que o objetivo da educação antirracista para a diversidade seja alcançado.

3 Caminhos percorridos: Narrativas sobre o desenvolvimento da intervenção

Nas subseções posteriores, serão abordadas de forma sintetizada as etapas percorridas desde a identificação do problema, passando por algumas estratégias e recursos utilizados para intervir e promover mudanças, até a apresentação dos resultados obtidos. No contexto da elaboração e implementação de projetos de intervenção, conforme Freire e Prado (1999), a concepção de projeto implica antecipar algo desejável que ainda não se concretizou. Envolve a reflexão sobre uma realidade que está por vir e analisar o presente como uma fonte de potenciais possibilidades futuras. Portanto, convidamos o leitor a explorar conosco esse processo, não apenas para compreender o resultado final da intervenção, mas também para apreciar todo o desenvolvimento implícito nela.

3.1 Rostos e Palavras: Evidências do impacto do racismo no comportamento e desempenho escolar

Ao iniciarmos os estudos acerca das questões étnico-raciais, tornou-se evidente o impacto do racismo nas vivências das crianças da turma de 1º ano do ensino fundamental I que eu tive o privilégio de ser a professora. Durante atividades que envolveram o uso de espelhos como instrumento pedagógico, observou-se uma resistência das crianças em se olharem refletidas. O registro fotográfico desses momentos revelou expressões tristes diante de seus próprios reflexos, destacando um profundo desconforto. Adicionalmente, ao utilizar o desenho como meio de expressão, onde sentimentos e pensamentos se manifestam quando a comunicação oral ou escrita não é suficiente, a análise dos autorretratos elaborados pelos estudantes reforçou a tristeza evidenciada em seus semblantes. Essas observações indicaram uma baixa autoestima resultante de experiências discriminatórias relacionadas à cor da pele e à estrutura capilar, conforme depoimentos colhidos durante rodas de conversa, como: “Professora minha prima me chamou de macaca” ou “Minha vizinha me chamou de cabelo duro”. Sobre essa crueldade, Kilomba (2016)

disse que o racismo nos coloca fora da condição humana e isso é muito violento, e de acordo com as observações de Silva (2005), a ausência de uma representação positiva de um grupo resulta em sentimentos de inferiorização e autorrejeição em relação aos seus valores estéticos e culturais, prevalecendo os valores dominantes. Nesse contexto, torna-se fundamental desenvolver uma abordagem pedagógica direcionada à desconstrução de estereótipos, sendo os professores, especialmente aqueles nas séries iniciais, fundamentais aliados nesse processo.

A explícita baixa autoestima observada, provocou além de danos emocionais e sociais, prejuízos também ao desempenho acadêmico das crianças, visto que, conforme observado por Bean *et al.* (1995, p.62), a autoestima exerce um impacto significativo na aquisição de conhecimento. A interligação entre a autoimagem e o desempenho escolar é evidente, revelando uma relação sólida entre a autoestima e a capacidade de aprendizado. Uma autoestima elevada fomenta o desejo de aprender, possibilitando que o aluno encare as tarefas com confiança e entusiasmo. No entanto, quando a autoestima está abalada, seus efeitos negativos estendem-se também ao desempenho escolar, resultando em alunos estagnados nos estágios iniciais da leitura e escrita, manifestando desmotivação, sentimentos de incapacidade e falta de confiança em si. Em um estudo conduzido por Godoy (1996), constatou-se que crianças negras, aos 5 anos de idade, manifestavam autoestima, autoconceito e autoimagem negativos em diversas situações.

A pesquisadora observou que tanto as famílias quanto a escola desconheciam o sofrimento vivenciado por essas crianças no cotidiano, resultante da falta de aceitação de si mesmas. Pesquisas mais recentes corroboram com a compreensão de que crianças de tenra idade possuem discernimento acerca do que ocorre ao seu redor, mesmo em situações silenciosas e rápidas, sendo que tal entendimento pode deixar marcas profundas que impactam diretamente na formação de sua personalidade. Segundo Gaudio (2013), estudos e pesquisas sobre as relações étnico-raciais na Educação Infantil evidenciam que crianças negras experimentam, em suas vivências cotidianas, relações intersubjetivas com seus pares, muitas vezes marcadas por preconceito e discriminações.

A constatação do problema foi reforçada ao trabalharmos a literatura: “Que cor é a minha cor?” de Martha Rodrigues, para a construção de um gráfico dos tons de pele da turma. Durante a atividade, foi possível notar que muitas crianças negras negavam a si mesmas e se autodeclaravam brancas, isso ficou bem evidente quando um bilhete anônimo foi encontrado em minha mesa, no qual a autora expressava: “Pró, eu não gosto da minha cor de pele porque eu sou

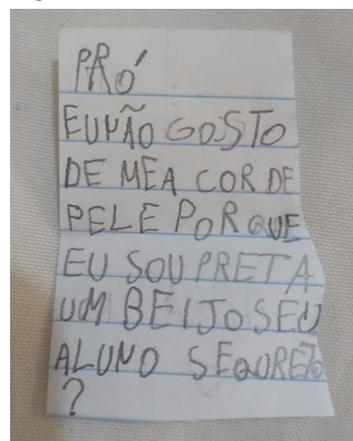
preta...”. A identificação da autora do bilhete foi facilitada, dado que, nessa fase do ano letivo, apenas uma aluna apresentava tal nível de habilidade de escrita. A combinação desse bilhete com os autorretratos das crianças, que frequentemente retratavam expressões tristes, além de seus comportamentos retraídos e desanimados, juntamente com os relatos de incidentes de injúrias raciais que elas sofreram, provocou em mim profunda consternação e intensificou o meu compromisso em pesquisar e desenvolver estratégias para intervir na problemática identificada. Entre os diversos registros audiovisuais e fotográficos compilados, alguns foram incluídos neste artigo mediante autorização dos responsáveis legais das crianças e adultos que neles aparecem.

Figura 1 - Aluna com semblante triste ao espelho



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 2 - Bilhete anônimo de uma aluna



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 3 - Aluno que não queria olhar-se



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 4 – Autorretrato revelando a baixa autoestim



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

3.2 *Desenhando o Futuro: Estratégias para Resgatar a Autoimagem Positiva no Ambiente Escolar*

Mediante a realização de pesquisas, entrevistas, apreciação de curtas-metragens, significativas rodas de leitura e conversa e atividades práticas sempre ancoradas por literaturas afrocentradas, as crianças foram envolvidas no projeto e progressivamente desenvolveram uma compreensão mais aprofundada da história, beleza e riqueza cultural proveniente de nossos ancestrais africanos. O propósito subjacente a todo o trabalho não se limitou à promoção de uma compreensão mais profunda de nossa identidade e ao combate ao racismo, mas, sobretudo, visou instigar a valorização de nossas raízes africanas, promovendo uma autoimagem positiva, experiências de felicidade e o avanço das crianças em diversos aspectos.

Figura 5 – Leitura afrocentrada



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 6 – Experiência de felicidade

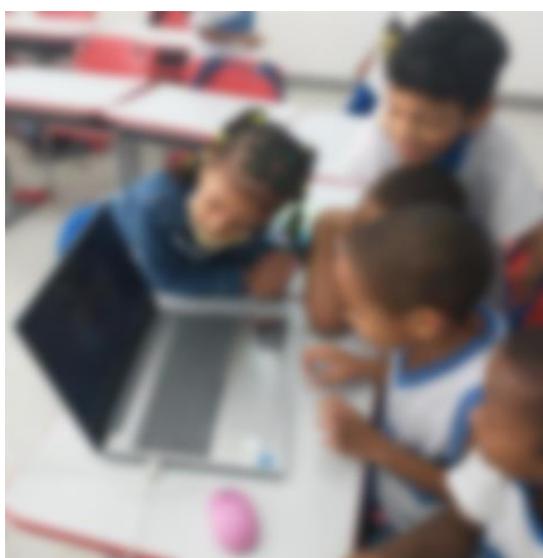


Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Dentre as etapas fundamentais do processo, a seleção criteriosa de literaturas proporcionou narrativas que exploraram as identidades afro-brasileiras do ponto de vista dos negros. Essas histórias revelaram uma visão do continente africano diferenciada daquela tradicionalmente difundida no Brasil. A abordagem incluiu a exploração da beleza, diversidade cultural e da profunda influência da cultura africana em nosso país. As crianças foram apresentadas à história de resistência de nossos ancestrais vindos da África e com encantamento descobriram reis, rainhas e princesas africanas reais, como a exemplo da princesa angolana Zacimba Gaba que lutou contra a escravidão em nosso país. Com a literatura: Zacimba Gaba – a Princesa Guerreira, de Noélia Miranda, dentre outras, as crianças conheceram fatos antes desconhecidos e ao contemplarem representações visuais de figuras pertencentes à realeza

africana, manifestaram um encantamento visível, refletido claramente em suas expressões faciais. Este episódio evidenciou a felicidade que experimentaram ao se identificarem com imagens positivas de pessoas semelhantes a elas. Durante essa etapa, os estudantes também direcionaram sua atenção a um globo terrestre, focalizando especificamente o Brasil e o Continente Africano, e se engajaram em reflexões sobre as ligações culturais e históricas entre o Brasil e a África.

Figura 7 - Apreciando princesas africanas



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 8 - Identificando Brasil e África



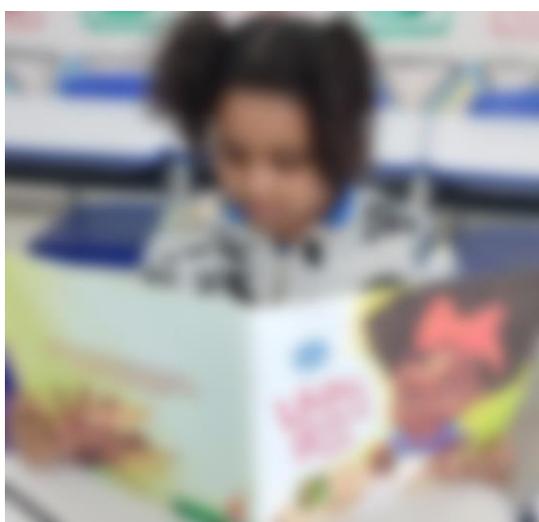
Fonte: Arquivo pessoal (2022)

De acordo com Munanga (2012), para que haja um processo de construção da identidade coletiva negra, por exemplo, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial, ainda, presente em nosso “imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva, capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente, na historiografia colonial”.

Em continuação às vivências acerca do projeto, literaturas como " Lápis Cor de Pele" de Sueli F. de Oliveira e outras, serviram como pontos de partida para um experimento científico envolvendo café e leite que simulou a miscigenação da população brasileira e provocou reflexão e admiração. Na sequência, analisamos os vários tons de pele negra e com fotos de pessoas de diferentes tons de pele pesquisadas pelas crianças, a turma construiu um cartaz exibindo o mapa do Brasil com a beleza da diversidade brasileira. Através da representatividade negra positiva proporcionada pelas diversas obras literárias exploradas por meio do diálogo, da reflexão,

ludicidade, bem como a realização de atividades práticas e escritas, contribuíram para que as crianças desenvolvessem gradativamente a percepção e a valorização de nossa ancestralidade africana. Esse processo resultou na diminuição da autonegação, ao mesmo tempo em que fortaleceu a autoconfiança delas, permitindo avanços contínuos em diversos aspectos, inclusive no âmbito da alfabetização e do letramento.

Figura 9 - Literatura afrocentrada como instrumento potente numa educação antirracista



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 10 - Experimento: Os vários tons de pele



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 11 – Identificando o tom de pele

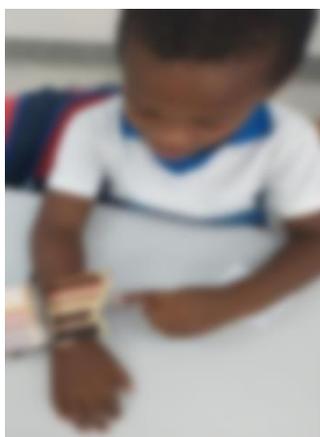


Figura 13 - Resultado do experimento com café eleite para simular os vários tons de



Figura 12 - Mapa da diversidade brasileira



Outra literatura que as crianças também conheceram a "Menina bonita do laço de Fita"⁴ de Ana Maria Machado, que culminou numa divertida apresentação da história com fantoches, feita para um grupo de crianças menores da Educação Infantil, evidenciando o protagonismo deles em uma abordagem lúdica e educativa na disseminação de lições sobre consciência racial. Os registros a seguir mostram a alegria, o engajamento e a dedicação da turma em realizar essa atividade que foi muito significativa para eles.

Figura 14 - Risos na apresentação



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 15 - Teatro de fantoches



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Em mais uma etapa importante do projeto, a turma participou de uma atividade que visou resgatar saberes ancestrais por meio de entrevistas com moradores antigos do bairro. Essa atividade ofereceu às crianças a oportunidade única de aprender diretamente com os de mais idade, em sua maioria, pessoas negras cheias de sabedoria ancestral. Isso possibilitou a preservação de tradições, histórias e conhecimentos promovendo a transmissão intergeracional de saberes. Ao envolver as crianças na coleta de dados, a iniciativa promoveu uma abordagem prática, permitindo que se tornassem agentes ativos na construção do conhecimento, estimulando o aprendizado prático e promovendo uma compreensão e reflexão mais profunda do conteúdo. Além disso, essa etapa do projeto promoveu o desenvolvimento e aprimoramento de competências e habilidades, pois, ao superarem o desafio de realizar entrevistas, as crianças experimentaram um aumento na autoconfiança e na percepção de suas próprias potencialidades, fortalecendo, por conseguinte, a autoestima, por meio do reconhecimento da capacidade de executar tarefas desafiadoras com êxito. A atividade também criou uma conexão entre a escola, famílias e comunidade e o produto final resultante, representado pelos vídeos das entrevistas, tornou-se um recurso de valor

⁴ Esta obra clássica da literatura brasileira atualmente é criticada por estudiosos da literatura infantil negra pela descontextualização política, porém, estava adequada aos objetivos do trabalho e era parte de meu repertório canônico sobre a temática naquele momento.

inestimável, uma vez que desempenha um papel crucial de preservação de narrativas locais, possibilitando resultados que transcendem o escopo meramente acadêmico. As ações relacionadas a essa atividade, proporcionou uma experiência educacional abrangente que nutriu o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, ao mesmo tempo em que enriqueceu as aprendizagens delas com conhecimentos preciosos.

Dentre as literaturas consideradas, o livro "Rainhas" de Ladjane Alves, também se desdobrou em ações significativas. O enredo da história se aproxima à realidade de muitas crianças e promove a valorização de mulheres lutadoras. A partir dessa literatura, as crianças elegeram as colaboradoras responsáveis pela limpeza do ambiente escolar como nossas “rainhas” e em uma atividade importante de produção textual do gênero bilhete, a consciência fonológica e outras habilidades importantes para a alfabetização e o letramento foram trabalhadas quando a turma foi incentivada a escrever bilhetes para as rainhas que foram homenageadas em um momento singular e emocionante com palavras e gestos de carinho e gratidão, recebendo também das crianças, presentes construídos com materiais recicláveis. O destaque para essas mulheres como "rainhas" exemplificou como as narrativas literárias foram integradas às vivências cotidianas das crianças, fortalecendo a conexão entre literatura e realidade.

Além de “Rainhas”, outras obras afrocentradas da mesma autora foram apreciadas e compartilhadas com outras turmas da escola, despertando em mim o interesse em proporcionar um encontro entre a escritora e nossos alunos, o que se concretizou após alguns contatos. Ao apresentar o trabalho em andamento, utilizando algumas de suas obras como ponto de partida, a escritora Ladjane manifestou interesse e foi extremamente generosa ao aceitar visitar nossa escola. A presença dela gerou grande entusiasmo e alegria nas crianças, que se identificaram e sentiram-se inspiradas pela oportunidade de dialogar com uma escritora negra que, assim como elas, teve sua formação inicial numa escola pública. O encontro foi marcado por um encantamento genuíno, reflexões mobilizadoras e abraços afetuosos, resultando na construção de aprendizagens valiosas com relação as questões étnico-raciais, no fortalecimento da imagem autoimagem positiva das crianças e ao longo do ano em avanços na leitura, escrita e em outros aspectos do desenvolvimento infantil.

Figura 16 – O encontro tão esperado com a escritora



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 17 – O encantamento no olhar



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Visto que o sentimento de autonegação em algumas crianças estava relacionado não apenas a cor da pele, mas também aos cabelos, a fim de propiciar a desconstrução de estereótipos relacionados aos cabelos cacheados e crespos, uma sequência didática foi conduzida com sensibilidade, utilizando literaturas específicas e o curta-metragem *Hair Love* de Matthew A. Cherry, para ressaltar a beleza plural de nossos cabelos. De acordo com Pequeno (2022):

"A negação da beleza negra é parte estruturante do racismo, que busca desumanizar suas vítimas. O cabelo crespo surge como uma questão desde muito cedo na vida dos negros, sobretudo, das mulheres. A manipulação dessa parte do corpo tende a protagonizar os seus rituais de beleza, mesmo durante a infância"

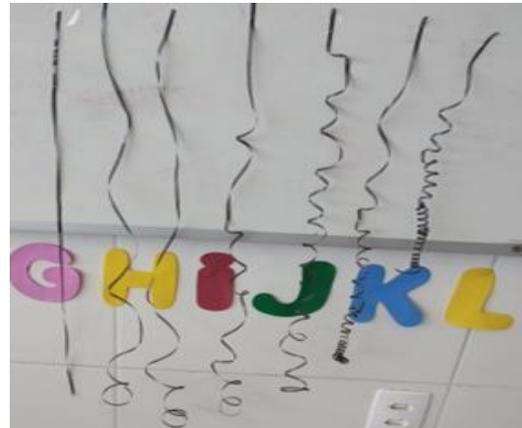
Através do curta *Hair Love*, as crianças foram movidas a produzir pequenos textos com mensagens que evidenciaram as aprendizagens construídas. Em continuação, após mergulharmos na bela poesia contida na obra: “Cabelos de Toin Oin Oin” de Tânia Alves, uma atividade prática, envolvendo a construção e simulação de diferentes tipos de cabelos com fitilhos, proporcionou uma compreensão mais profunda da diversidade capilar, contribuindo para a valorização da estrutura capilar de cada criança. Com essa vivência, elas aprenderam a valorizar quem elas são e romper com padrões eurocêntricos de beleza. As crianças participaram também de uma dinâmica em que, com venda nos olhos, pelo toque nos cabelos, tiveram que identificar os colegas. Citando uma parte do livro: fizemos o dia dos “cabelos soltos ao vento livre das amarradas de um tempo”. Depois dessa sequência, tive a grata surpresa de ser indagada por uma mãe que com lágrimas nos olhos, quis saber o que eu tinha feito para que a filha que antes parecia odiar o próprio cabelo, tivesse mudado de atitude e começasse a querer usar o cabelo natural e solto sem a vergonha que anteriormente demonstrava.

Figura 18 - Texto multimodal sobre Hair Love com mensagem elaborada por uma das alunas.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 19 - Representação dos vários tipos de fios de cabelo



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 20 - Dinâmica: Quem sou eu?



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 21- Análise dos tipos de cachos



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

A próxima etapa teve o título: "Procuram-se Bonecas Pretas", ela proporcionou uma abordagem crítica em relação à representatividade no comércio de brinquedos, incentivando as crianças a conduzirem pesquisas de campo em lojas da cidade e levando a reflexões sobre a necessidade de mudanças nesse cenário. Algumas crianças ao constatarem o número inferior de bonecas negras nas prateleiras, procuraram os gerentes para questioná-los. Esse engajamento resultou em uma mudança de atitude em muitas crianças em relação à aceitação e ao orgulho de nossas raízes africanas, como evidenciado pelos depoimentos de algumas mães. Os dados coletados pelas crianças foram levados para a escola, para análise e reflexão sobre o que podemos fazer para mudar essa realidade.

A medida que o projeto avançava, os interesses das crianças direcionavam novas investigações e estudos sobre questões étnico-raciais, contribuindo para o desenvolvimento da autoimagem positiva e o avanço delas em diversas áreas. Em cada etapa, tornou-se notável o envolvimento entusiasmado dos alunos, consolidando um processo que promoveu o encantamento, avanço e empoderamento.

Figura 22 - Pesquisa de campo



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 23 - Dados coletados em 2 lojas

Loja 1	Loja 2
12 / bonecas negras	13 / boneca negra
81 / bonecas brancas	41 / bonecas brancas
Loja 3	Loja 4
3 / bonecas negras	
50 / bonecas brancas	

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 24 - Por mais bonecas negras

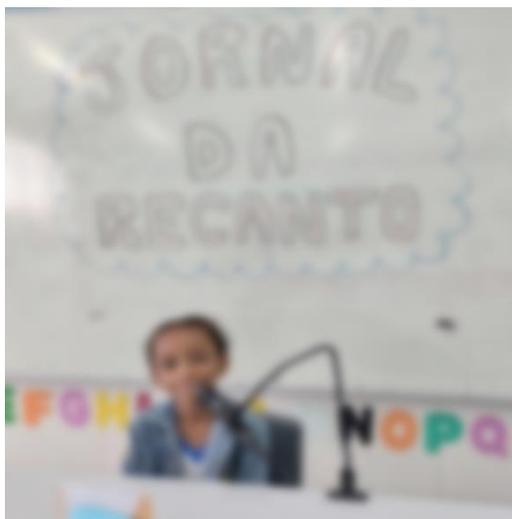


Fonte: Arquivo pessoal (2022)

3.3 *Vidas que Florescem: Uma Jornada de Valorização e Autoestima*

Nas etapas finais, estudamos o gênero textual "notícia" contextualizado às questões étnico-raciais, para isso, empreendemos uma pesquisa bibliográfica acerca da destacada jornalista Glória Maria, mulher negra pioneira do jornalismo no Brasil. Após mergulharmos na história dessa jornalista notável, a turma recebeu a tarefa de realizar pesquisas em diversas fontes de mídia, com a liberdade de criar notícias que gostariam de ouvir. Posteriormente, organizamos o "Jornal da Recanto", onde cada aluno apresentou sua notícia, inspirados pelo exemplo de representatividade de Glória Maria. Essa etapa do projeto foi filmada e fortaleceu o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, evidenciando uma notável transformação de um estado inicial de bloqueio para um empolgante florescer.

Figura 25 - Pronta para apresentar o Jornal



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 26 - Reportagem fora do estúdio do Jornal



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

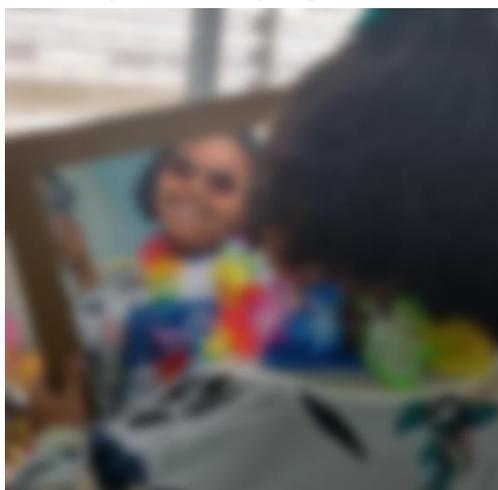
Para que as crianças deixassem emanar toda beleza descoberta nelas, um desfile da beleza afrodescendente foi realizado. Durante o desfile, foi magnífico observar uma transformação expressiva na forma como as crianças passaram a se enxergar. Ao longo do processo, notamos mudanças positivas e nesta fase final, os rostos tristes deram lugar a expressões faciais de alegria, a comentários que expressavam reconhecimento e valorização da identidade racial, em demonstrações de autoestima fortalecida, consciência crítica e reflexiva construídas e no avanço notável no desenvolvimento acadêmico de crianças que progrediram dos níveis pré-silábico e

silábico sem valor sonoro para os níveis silábico-alfabético e alfabético, conforme explicado pela teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky (1984).

Algumas imagens coletadas mostram esse progresso e nesse respeito, os avanços nos níveis de leitura e escrita alcançados, certamente abrem um leque de possibilidades, pois, a alfabetização e o letramentodesempenham um papel crucial na ampliação das oportunidades na concretização da cidadania, uma vez que viabilizam o acesso à informação, propiciam uma comunicação eficaz, promovem a interação social e a participação ativa na sociedade.

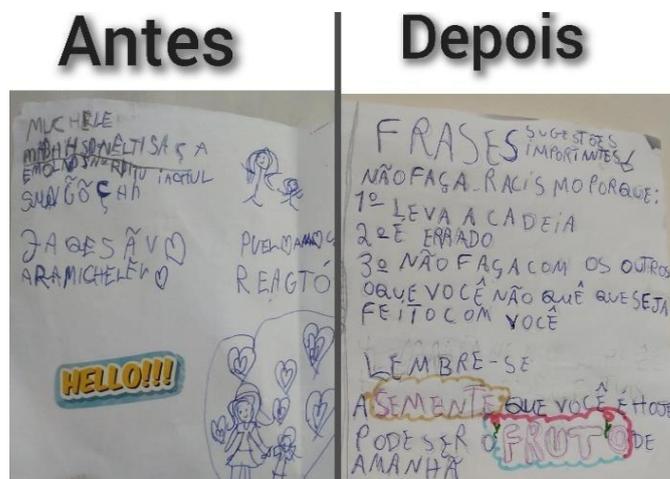
Lamentavelmente, o problema observado na escola mencionada neste artigo só reflete o crítico cenário global atual com respeito às questões raciais. Infelizmente, a batalha contra o racismo persiste, e, portanto, não podemos desconsiderar a importância de abordar questões raciais, pois, embora avanços tenham sido alcançados, ainda há muito a se conquistar para termos uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva.

Figura 27 – Imagem positiva de si



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 28 - Avanço notável



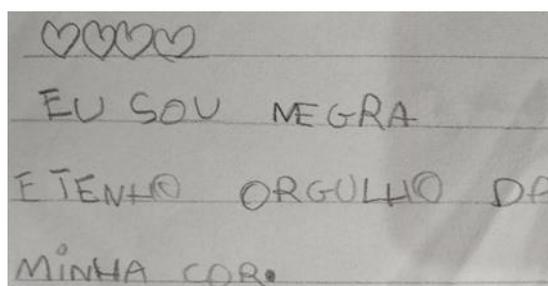
Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 29 - O desejo de Luíza



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 30 - Mudança positiva



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

4 Considerações Finais

Sob essa perspectiva, este artigo teve o objetivo de não apenas expor uma experiência bem-sucedida na promoção de uma educação antirracista, mas também nos apresenta exemplos práticos de estratégias relevantes que podem ser aplicadas em outras instituições de ensino, demonstrando que, apesar dos desafios existentes, sobretudo nas escolas públicas, é possível criar ambientes educacionais que não apenas reconheçam a existência do racismo, mas que atuem ativamente para combatê-lo. Portanto, este trabalho buscou inspirar educadores comprometidos com a promoção de uma educação genuinamente afrocentrada, capaz de, com resistência e determinação, construir pontes rumo à equidade e justiça dentro de nosso sistema educacional.

Ao refletirmos sobre o trabalho realizado e seus resultados, concluímos que o projeto atingiu o objetivo inicial, criou um ambiente de aprendizado afetivo, onde todos os alunos tiveram suas vozes ouvidas, se sentiram valorizados, apoiados e emocionalmente seguros. Isso incentivou a participação ativa da turma, o que, por sua vez, se traduziu em engajamento, motivação e mudanças positivas durante todo o ano letivo, que seguramente ultrapassou os muros da escola e se refletirá por toda a vida dessas crianças.

Chegamos ao final do ano letivo transbordando de alegria pelos resultados construídos ao longo da aplicação do projeto. A partir de literaturas afrocentradas, foi possível promover a valorização de nossa identidade ancestral, combater o racismo, desconstruir estereótipos raciais e principalmente fortalecer a autoestima das crianças a fim de fazê-las reconhecer o potencial intrínsecos nelas para não apenas possibilitar avanços significativos do desempenho escolar, mas, sobretudo formar cidadãs e cidadãos capazes de alcançar voos enfrentando e superando os desafios impostos pelo racismo sem se deixar paralisar ou submeter passivamente a tratamentos cruéis.

A jornada na qual embarquei em busca de uma educação antirracista com valores

Figura 31 - Autorretrato da felicidade



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

afrocentrados me enche de felicidade e gratidão ao constatar que apesar dos desafios encontrados, a dedicação e os esforços empregados valeram muito a pena. Enfrentando as adversidades comuns às escolas públicas, testemunhei uma transformação notável no pensamento e atitude de meus queridos alunos e alunas. Ao vê-los orgulhosos de suas raízes, valorizando quem são, tornando-se mais seguros, confiantes, questionadores, fortes e, acima de tudo, felizes, sinto uma emoção profunda que me fortalece. Neste ponto da minha caminhada, não há espaço para retroceder, pois minha convicção em continuar a promover uma educação antirracista com valores afrocentrados é inabalável, por isso, não quero, e não vou deixar de lutar. A beleza dessa jornada chamada educação é um fogo que arde em meu coração, e estou comprometida em mantê-lo aceso, contribuindo com a formação de um futuro mais justo e igualitário através de nossas crianças que serão os adultos de amanhã. Assim, finalizo com uma citação de Triunpho que diz:

É um sonho pensar que a educação é a alavanca de transformação social, mas, também, é um equívoco pensar que a transformação social se dá sem educação. As mudanças educacionais viáveis, hoje, serão os elementos reforçadores de mudanças sociais no amanhã (TRIUMPHO, 1987, p. 95)

Essa é a esperança e a vontade de ação que move esta professora.

5 Referências

BEAN, Reynold et al. **Adolescentes Seguros: Como aumentar a autoestima dos jovens**. São Paulo: Gente, 1995.

BENTO, M. A. S. **A identidade racial em crianças pequenas**. In: _____ (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: CEERT, 2012. p. 98-117. Disponível em: . Acesso em: 5 mar. 2021.

BRASIL. **Lei 10.639** de 9 de Janeiro de 2003. D.O.U. 10 de Janeiro de 2003.

Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. BRASIL. **Lei 11.645/08** de 10 de março de **2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FRANCA, Leonel. **A Formação da personalidade**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

FREIRE, F.M.P. & PRADO, M.E.B.B. **Projeto Pedagógico: Pano de fundo para escolha de um software educacional**. In: J.A. Valente (org.) O computador na Sociedade do Conhecimento. Campinas, SP: UNICAMP-NIED, 1999).

GAUDIO, E. S.; ROCHA, E. A. C. **Relações Étnico-Raciais num contexto de Educação Infantil**. Revista Momento, v. 22, n. 1, p. 35-50, jan./jul. 2013. Disponível: <https://www.seer.furg.br/momento/article/view/4222>; acesso: junho 2016.

GODOY, Eliete Aparecida. **A representação étnica por crianças pré-escolares: um estudo à luz da teoria piagetiana** [dissertação de mestrado]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferentes presenças na escola**. Revista do Museu Antropológico, Goiânia, v. 3 e 4, n.1, p. 9-17, 2000.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, v. 29, n. 1, 2003, p. 167-182.

KILOMBA, G. **“Descolonizando o conhecimento” Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba**. Tradução, Oliveira, J. São Paulo, Goethe-Institut, 2016.

MANDELA, N. **Longa caminhada para a liberdade: A autobiografia de Nelson Mandela**. Nova Iorque: Little Brown and Company, 1994.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **A educação colabora para a perpetuação do racismo**. Revista Carta Capital. São Paulo, dez/ 2012

PEQUENO, A. M. S. **História sociopolítica do cabelo crespo**. revista z cultural (ufrj) , v. 01, p. 01-13, 2019. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTOS, Santa Mali Pires dos. **A Ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

SILVA, Ana Célia da. **“A desconstrução da discriminação no livro didático”**. In: **Superando racismo na escola**. 2.ed.(org.) Kabengele Munanga. –Brasília: MEC, 2005.

TEODORO, Maria de Lourdes. **Identidade, cultura e educação**. In: ROSEMBERG, Fulvia; PINTO, Regina Pahim ((Org.). **Raça negra e educação. Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.63, p. 46-48, nov. 1987.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **A Constituição De Corpos Negros Em Espaços De Educação Infantil: O Lugar Da Identidade E Do Pertencimento Étnico-Racial**. Revista da ABPN. V.12, n. 33. jun – ago. 2020.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. **O negro no livro didático e a prática dos agentes de Pastoral Negros**. In: ROSEMBERG, Fulvia; PINTO, Regina Pahim (Org.). **Raça negra e educação. Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 93-94, nov. 1987.